

A IMPORTÂNCIA DE MENTIR

Na vida cotidiana, o contrário da verdade não é a mentira. Para relacionar-se, é imprescindível criar versões de fatos e saber se adaptar às regras informais que regem os padrões de convivência grupal

POR MAURICIO C. SERAFIM E PEDRO F. BENDASSOLLI



No filme *O mentiroso* (1996), de Tom Shadyac, estrelado por Jim Carrey. Fletcher Reede, personagem de Carrey, é um advogado que utiliza a mentira como instrumento de trabalho, nos relacionamentos sociais e familiares. Seu filho, no dia de seu aniversário, faz um pedido para o pai: que ele fale somente a verdade por 24 horas. A confusão na vida de Tom se inicia quando passa a atender tal pedido, sendo obrigado, contra sua vontade, a falar a verdade nos tribunais, com seus colegas e em casa. O filme mostra um importante dilema: não devemos mentir – como ensinaram nossos pais –, mas falar sempre a verdade pode nos colocar em situações embaraçosas ou até prejudiciais.

DIZER A VERDADE. Esse é o mote de um dos temas mais mal compreendidos quando se trata de ética nas organizações e na carreira: a mentira é condenável; mas não mentir em algumas situações pode ser destrutivo. E quando pensamos em mentira sempre nos vem à mente o tema da verdade.

Pelo menos desde Sócrates, o conceito de verdade é discutido entre pensadores e religiosos. A famosa Alegoria da Caverna, de Platão, é a explicação de sua teoria do conhecimento que relaciona a verdade com a essência. Essa essência é contraposta à “aparência” – ou seja, a tudo aquilo que pode conter um elemento de ilusão, erro ou superficialidade.

Na religião, os fiéis acreditam na verdade “relevada”. Quer dizer, ela não é fruto da razão humana, mas do que Deus ou os deuses mostram (revelam) aos humanos. Tanto na tradição filosófica quanto na religiosa, a discussão sobre a mentira foi sempre acompanhada da discussão sobre a verdade.

Porém, a mentira não significa exatamente o contrário da verdade. Enquanto a verdade pertence ao campo da epistemologia – área da filosofia que busca garantir que o conhecimento reflita a realidade –, a mentira está relacionada com a falta de integridade ou coerência dos fatos. Nesse âmbito, dizer a verdade significa apenas relatar os “fatos como eles são”, e mentir significa omitir ou distorcer tais fatos.

MENTIRA E VIDA COTIDIANA. Entretanto, a mentira possui um papel importante na realidade social. Excetuando os casos em que possua uma intenção destrutiva ou que seu resultado prejudique alguém, ela não tem uma conotação moral em si mesma, quando tratamos de aspectos corriqueiros da vida cotidiana e organizacional.

Isso é o que afirma Edgar Schein em seu artigo “Learning when and how to lie”, publicado na revista *Human Relations* (2004). O autor afirma que a mentira, de certa forma, é um dos pilares da construção social e da sociabilidade quando, por exemplo, agimos de forma gentil e com recato com quem não gostamos, ou seguimos as normas das boas maneiras em momentos em que não desejaríamos fazê-lo.

O processo de aculturação e socialização faz com que aprendamos o que se deve ou não fazer e dizer em uma variedade de situações. Aprendemos quando podemos ser sinceros e quando devemos ser convenientes – e isso não com o propósito de enganar, mas de não constranger a outra pessoa, e de sermos aceitos em determinado grupo. Dessa forma, aprender a mentir ou criar uma versão da verdade – ao omitir algumas partes da verdade – é fundamental para a manutenção da ordem social, e os que violam essa regra social são vistos como dedos-duros, pessoas sem tato, insensíveis, inconvenientes, rudes ou até arrogantes. Em outras palavras, nem sempre falar a verdade ou agir de forma verdadeira tem conseqüências benéficas para o conjunto da sociedade. Muito do que entendemos como sociedade foi, e é, construído com base na hipocrisia, no auto-engano e na manutenção de ilusões.

LEALDADE GRUPAL. Em geral, membros de um pequeno grupo identificam-se uns com os outros. Como conseqüência, prezam muito mais a lealdade ao código de conduta em vigor no grupo do que a obediência a princípios morais de natureza formal. Prova disso é que várias regras (formais) estipuladas pelo RH de uma empresa são distorcidas,

